

POESIA

JOSÉ CRAVEIRINHA: INÉDITOS

Poeta moçambicano, um dos maiores que hoje vivem no mundo escrevendo na língua portuguesa, tem 61 anos e uma obra grandiosa ainda por publicar. Prémio Alexandre Dáskalos, Prémio Cidade de Lourenço Marques, Prémio Reinaldo Ferreira, Prémio de Ensaio da Cidade da Beira, Prémio Nacional de Itália, Medalha de Ouro da cidade de Bréscia, é o Presidente da Associação dos Escritores Moçambicanos. É também membro permanente do Júri do Prémio Lótus.

A sua obra, traduzida em várias línguas, está representada em todas as antologias de poesia africana.

Jornalista, trabalhou no «O BRADO AFRICANO», «NOTÍCIAS», «TRIBUNA», «NOTÍCIAS DA BEIRA», «O JORNAL» e «VOZ DE MOÇAMBIQUE».

Publicou em livro «XIGUBO», «KARINGANA WA KARINGANA», «CELA 1» e «CANTICO A UN DIO DE CATRAME» (edição bilingue italiana).

Vai publicar brevemente: «POEMAS» e «MÁRIA».

Os inéditos que «Dominga» publica nestas duas páginas foram especialmente conseguidos, até com certa reserva do autor por ainda não estarem trabalhados em definitivo.



CARREGADORES DE CAMIÃO

Cachos de anseios em cima das viaturas
as vozes enrouquecidas de comer quase nada
parece que cantam.

A clássica voz dos pássaros
quando é choro e quando é canto?

Gente latejante nas esteiras prefere fatias de pão.
As inaudíveis vibrações necessárias.
Nas margens das línguas o ritmo dos bambus.

Não serão formas de insurgir-se
os cantos cantados nas carroçarias?

Cachos de homens e bandos de aves gorgoando
não são as maneiras de fingir na via pública
dos dolorosos hinos ocultados?

Se no trabalho nos calarmos
disfarçarmos o desejo
e iludimos
os patrões?

NOSSAS ALICES DE BOTAS ALTAS

(Para o Toni, o Hellodoro e o Armindo,
três bardamerdas como eu aos fretes.)

Branças
botas altas de sete léguas
poisam Alices aos bandos nos bares
porreiros a toda a sífilis lá na coisa
e sarcásticos elmos loiros a mil escudos que remédio
toucas de serviço nos sonhos encarapinhados
aos tactos extra-conjugais dos senhores bons
funcionários públicos e bebedíssimos tripulantes americanos
irresistíveis do primeiro usque ao último dólar
nossas analfabetas Alices cicerones
no turismo poliglota por conta própria
dos táxis à cama.

Que na ciência do ofício são vinte escudos
uma Alice a rir-se inteira de rastos aos copos
com direito a deitá-la de costas no Xipamanine
de vez em quando um mulatinho gorgeta da azia dos falos
e brancas botas altas mexendo as tíbias
de coiro escuro no «night-club» repleto
de chulos, música e mineteiros
neste bródio.

E
na sapataria das brancas botas altas
das Alices vamos todos aos saltos de sete léguas
nos fretes destas meias-solas bem encervejadas
cambada de panascas no suborno do patético
abajur de nádegas flácidas na meia-luz
com dois paradigmáticos policias
de serviço à porta azul
deste «dancing»!

11/1/71, Rua Araújo

METÁFORAS LÍRICAS

Os nossos pássaros cantam.
Os nossos pássaros cantam e voam.
Os nossos pássaros cantam e voam liricamente

Mas para onde os nossos pássaros dirigem o seu voo
e como os nossos pássaros em delírio cantam
com toda a certeza é que faz os leopardos
não terem nas suas garras
esses lirismos
de força!

1969

No sabor da consciência
o sonho que mais sentimos
expande-se nos estômagos vazios
ou também se expande nas cartucheiras.

Por isso choram todos.
Por isso choram todas estas crianças.
na ignomínia da rua a beneficiarem dos milagres
vindos do céu na política dos restos de comida
votando na maioria.

Por isso chorem todos.
Por isso chorem todos que o sonho
expande-se nos estômagos vazios das crianças
e também se expande no sentimento das cartucheiras.

Hoje por causa das crianças
na nossa terra chorem todos
chorem todos na nossa terra
chorem todos
menos a maioria!

EXIGUAS PALAVRAS

Posso jurar que tateio a solidão
Uma a uma esvalando-se no rigor do vazio
Exiguas são as palavras que me ocorrem.

Rimas de livros fitam-me indulgentes.
Desde Camões ao Eça passando por Dostoyevski
São-me vãs as respostas que contêm.

Um sobressalto interrompe-me a escrita.
Na maneira americana de chamar deve ser o Hemingway

Jamais estamos socraticamente sós. Há sempre mais alguém.
Não são os grãos de areia que povoam os desertos?

O que há a fazer sou eu que tenho de o consumir.

É irritante o barulho das persianas.
Mahatma Gandhi só sucede para os lados da Índia.

Não fumo.
Não faço refúgio na gota de álcool.

Chateado levanto-me. Pressuroso.
Na torradeira as torradas estão a queimar-se.

(Do livro a publicar «MARIA»)



Em 1969 quando os poetas José Craveirinha e Rui Nogar saíram da prisão em liberdade condicional os tais «meninos demagógicos» ou a «esquerda gorda», como J. C. a classificava, caluniosamente, foram chamados de poetas reaccionários e ultrapassados.

É claro e óbvio que a resposta não podia vir a público naquela altura. Feito há 14 anos apresentamos hoje este poema, que é muito mais que uma resposta aos «meninos demagógicos».

MENINOS DEMAGÓGICOS

Esta minha poesia ultrapassada
minha poesia comprometida (ainda bem assim) e irrequieta
com o actual aroma rançoso da tarde descolhoada
e os meninos demagógicos a fazer política
vendedores a impingir seus esquarterismos de lata
e impingindo mesmo suas demagogias de lata
bem dialécticos em celofanes
perante o incamufável nosso desprezo geral
nós de casa para o serviço
e do serviço para casa
antes ou depois
de certas reuniões.

Mas ao menos tu minha velha mania de nasença
tu minha desafinada viola de artesanato
tu fazes o lirismo não lírico piagiar
o sotaque da realidade no realismo
suburbanizadamente mais autêntico
de toda esta minha poesia
reaccionária.

Esta minha poesia ultrapassada pelos quotidianos
poesia comprometida (ainda bem assim!) e irrequieta
os meninos demagógicos todos revolucionários
e a minha poesia toda reaccionária.

ETERNOS SAGAZES

O constante alerta.
O modo calculado.
A palavra comedida.
O olhar acautelado.
Uma renovada inquietude.

Os nervos novamente adequados a tudo.
Os amigos minuciosamente bem escolhidos.
As conversas prudentemente sussurradas
Uma necessidade imperceptível a desconfiança.

Tempo dos papéis subtraídos antes das rugas matinais?
Tempo dos mastins de faros perniciosos?
Tempo dos nossos olhares hesitantes nas pausas de amor?

Sempre com razão Maria.
O Silvano diz que estamos a ser devolvidos
E a filosofia do Silvano é a mais irrefutável do mundo.

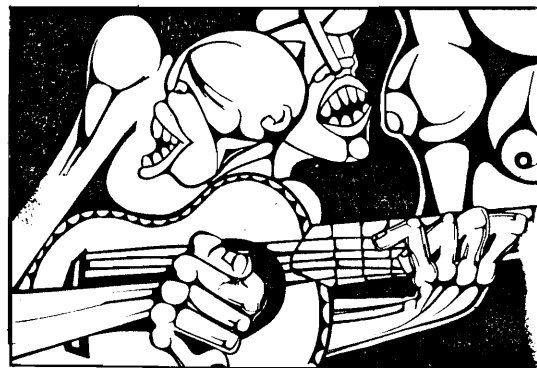
Estamos precavidos Maria!

Sorrisos peculiares de ofídeo
Os eternos sagazes cidadãos
Bajulam periculosos.

Mas bajulam em vão Maria!

Anoto estes azimutes de tristeza
Mas das coisas que nunca deixarão de estar
Irrevogavelmente vou-me também eu ausentando.

(Do livro a publicar «MARIA»)



Mas não faz mal!...
Paciência!
É vida...
Enfim!
O que havemos de fazer?
Os sóis do tempo não darão claridade ao que é justo?

Mas
em minhas mil unhas de arranhar ao vivo
as nuças das raparigas nos meus dez dedos acariciando-as
pego na esferográfica
e chego-lhes nas utopias
chego-lhes nos heroísmos de livro
dou-lhes na demagogia!

E pedantes pachucas deste meu camião incorrigível
a saltarem na desconjuntada carroçaria deste poema
em plena Praça 7 de Março escarninha de flores
da vossa Polana para a República
Vá! Meninos demagógicos!
Vá! Dançam à preto na cidade!
Vá! Dançam à preto se são capazes
Vá! dançam e cantem à preto agora
Vá! Dançam à preto filhos da puta!

Mas por mais que dançam as mesmas danças
por mais que dançam e cantem é escusado
a mim poeta reaccionário genuíno
a mim... que vos topo à distância
a mim que até sou da PIDE
juro que não me enganam!
juro que não passam as malhas!

1969